



CARTA ÀS CIDADÃS POSITHIVAS

Em algum momento você já viveu uma situação em que um homem te deixou numa posição de constrangimento? Foi tratada com menosprezo, com alteração de voz ou gritos? Tentaram calar sua voz? Se sentiu diminuída, humilhada ou até mesmo paralisada, diante da atitude de um homem contra você? Isso é machismo! Precisamos romper o silêncio.

Há séculos nós mulheres lutamos pelos nossos direitos e, por essa razão, devemos valorizar cada conquista. Muitas de nós, inconformadas com a opressão de pais e/ou maridos, fomos internadas em hospícios e tratadas como loucas. Pelo direito de poder votar e ser votada, trabalhar, estudar, expressar nossas opiniões, usar uma simples calça comprida ou fumar em público, tivemos que lutar muito. Na década de 60, sutiãs foram queimados em praça pública simbolizando uma forma de libertação da opressão masculina.

Desde sempre, sentimos na pele os efeitos cruéis do machismo e da violência de gênero. Por séculos fomos tratadas como objeto, muitas sofreram e ainda sofrem com o silêncio diante de relacionamentos abusivos e violentos, em todas as dimensões da vida, no trabalho, em casa, nos relacionamentos conjugais ou afetivos, dentre outros. Porém, queremos estimular uma reflexão nessa carta para o universo do “ativismo” no qual estamos presentes atuando em diversos ambientes, nos posicionando, questionando, apresentando demandas e conquistas e, infelizmente não raro nos deparamos com o que podemos chamar de “masculinidade tóxica”.

Podemos observar, ao longo dos anos, que a inserção das mulheres nos espaços de liderança e debate, sua autonomia, seu posicionamento em termos políticos é compreendida por muitos como uma ameaça ao domínio masculino dos espaços de poder ou visto como um fator prejudicial para o desempenho de representação. Com isso, enfrentamos situações de intolerância, assédio e desrespeito que menosprezam a competência da mulher, da ativista ou da profissional que se apresenta.

Tentam constantemente nos silenciar por meio da supressão de nossas falas e contribuições em reuniões, nos manter à margem no contexto. Quando nos recusamos a ficar nessa posição e fazemos o enfrentamento, não é raro ouvirmos um discurso que tenta naturalizar esse tipo de violência de gênero com: “bobagem”,



“brincadeirainha”, “que exagero” ou “nada a ver”. Como assim? Tem tudo a ver! O machismo é prejudicial ao movimento social, fragiliza e coloca em risco a saúde mental de nós mulheres. Não podemos ter medo de sofrer retaliações. Precisamos denunciar essas situações e agir contra com urgência.

O debate sobre essas situações e a forma de enfrentá-las será um dos pontos de atuação deste coletivo de mulheres que vivem com HIV/AIDS, as Cidadãs PositHIVas. A proposta é romper o silêncio quanto ao machismo dentro do movimento e para isso, realizaremos oficinas para tratar o tema e acolher denúncias de bases e representações.

Precisamos entender que quando nos unimos, trocamos experiências e pensamos juntas, fortalecemos nossa atuação, principalmente para enfrentarmos as diversas formas de opressão.

A luta de UMA é a luta de TODAS!

Colegiado do Movimento Nacional das Cidadãs PositHIVas - MNCP

Janeiro/2022